



remaea

“A criança que vai lhe guiar aonde ela quiser”: poéticas e modos de habitar de/com crianças ribeirinhas

Dayanne Batista Sampaio¹
Universidade Federal do Delta do Parnaíba,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0268-1247>

Christiana Cabicieri Profice²
Universidade estadual de Santa Cruz
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1972-9622>

Denis Barros de Carvalho³
Universidade Federal do Piauí
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3871-7288>

Luan Gomes dos Santos de Oliveira⁴
Universidade Federal de Campina Grande
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6642-0006>

Resumo: Os percursos que originaram este texto compõem a trajetória de pesquisa de campo de doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente no período 2021-2022 na Reserva Extrativista (Resex) Marinha do Delta do Parnaíba MA/PI. A partir de um processo de pesquisa ativa com crianças parceiras da investigação registramos os modos de habitar das crianças de duas comunidades da Resex. Inspirados teórica e metodologicamente pela antropologia ecológica de Tim Ingold e pela antropologia e sociologia das infâncias apresentamos uma poética da habitação como proposição ética e política desta caminhada com crianças ribeirinhas. A pesquisa foi desenvolvida por meio da observação participante aliada ao uso do desenho, da fotografia e das vivências guiadas pelas crianças. O estudo possibilita reflexões sobre ética na pesquisa, escuta e participação ativa de crianças e educação ambiental.

Palavras-chave: modos de habitar, crianças ribeirinhas, observação participante.

“El niño que te guiará donde tú quieras”: poéticas y formas de vivir de/con niños ribereños

¹ Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA UESC. E-mail: profdayannesampaio@gmail.com

² Doutora em Psicologia Social/UFRN. E-mail: ccprofice@uesc.br

³ Doutor em Psicologia Social/UFRN. E-mail: denispsi@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação/UFRN. E-mail: luangomessantos@terra.com.br

Resumen: Los caminos que dieron origen a este texto conforman la trayectoria de investigación en el campo de doctorado en desarrollo y medio ambiente en el periodo de 2021-2022 en la reserva extractiva (Resex) Marinha do Delta de Parnaíba MA/PI. Basado en un proceso de investigación activo con socios infantiles a partir de la investigación registramos los modos de vivir de los niños de dos comunidades de la Resex. Inspirado teórica y metodológicamente por la antropóloga ecológica Tim Ingold y por la antropología y sociología de las infancias presentamos una vivencia como propuesta ética y política de este caminar con niños ribereños. La investigación se desarrolló a través de la observación participante, aliada al uso de dibujo, fotografías y experiencias guiadas por niños. El estudio permite reflexiones sobre la ética en la investigación, entendimiento y participación activa de niños y educación ambiental.

Palabras-clave: formas de vivir, niños ribereños, ética en la investigación.

**“The child who will guide you wherever you want”:
poetics and ways of living by/with riverside children**

Abstract: The rout which originates this text composes the doctoral field research trajectory in Development and Environment from 2021 to 2022 in the extractive reserve “ Marinha do Delta do Parnaíba “. Coming from an active research process with partner children , we recorded the children ways of living from two of those reserves. Under a theoretically and methodologically inspiration in ecological anthropology by Tim Ingold and the anthropology and sociology of childhood as well, we presented a poetic of housing of those riverside children. The search was developed by the participant observation ally to the use of drawing, photography and also by the children experience. The study enables reflection on the research ethics , children listening and active participation and environmental education.

Keywords: ways of living, riverside children, esearch ethics.

Introdução

Os percursos que originaram este texto compõem uma trajetória em andamento de doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Associação Plena em Rede. A partir de um processo de pesquisa ativa tendo as crianças como parceiras da investigação, este artigo atende ao objetivo de registrar os modos de habitar das crianças de duas comunidades da Reserva Extrativista (Resex) Marinha do Delta do Parnaíba MA/PI. A Resex é uma unidade de conservação (UC) federal de uso sustentável localizada na Ilha das Canárias, Maranhão, Araisos, Brasil - na divisa com o Estado do Piauí, Brasil.

Buscamos, pois, privilegiar o encontro entre pesquisadora-participante e as crianças-parceiras para apresentar um texto misto, sentido, visual e poético. É uma tradução da estética da vida das crianças ribeirinhas, mas também uma proposição ética e política de assegurar a existência e as vozes das crianças como sujeitos ativos do conhecimento. Além do questionamento “Como se dão os modos de habitação das crianças da Resex?”, esta poética da habitação se defrontou com as seguintes questões éticas: por que e como fazer

pesquisa com crianças de comunidades tradicionais? Como as pesquisas com crianças podem contribuir para repensar a pesquisa e a educação ambiental?

Enquanto pesquisadoras(es), pretendemos colaborar com a produção de um conhecimento que medeie o saber científico com o saber tradicional (LEFF, 2000). Ainda, promover sua inserção no conjunto de abordagens contemporâneas sobre o tema no Brasil e América Latina, com aportes antropológicos sobre o ambiente (habitação) e a conservação (práticas de “uso” da natureza) e a interação com perspectivas emergentes dos povos e comunidades tradicionais em áreas protegidas, seus conflitos socioambientais e as dimensões ontológicas e epistemológicas próprias (CARDOSO et al. 2020).

Dessa forma, situamo-nos como agentes de envolvimento, a partir do processo de vida que se instaura na experiência da descoberta e na reivindicação do saber que se dá com o outro invisibilizado. Dessa maneira, este estudo considerou a participação ativa das crianças na pesquisa científica, integrando um movimento de desconstruir a afonia e invisibilidade das crianças pela sociedade (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005). Adentrar os universos das crianças da Resex Marinha do Delta do Parnaíba é considerá-las imersas no fluxo dos materiais que constituem seus corpos e seus modos de viver (INGOLD, 2015). Eis um princípio básico para nortear pesquisa e educação.

Caminhos do conhecer

Convidamos o leitor e a leitora para uma imersão nesse ambiente-vida (INGOLD, 2000) inspirada pela antropologia ecológica de Tim Ingold dialogando com a antropologia e sociologia das infâncias. Esta trajetória de campo ocorreu entre os meses de setembro de 2021 a agosto de 2022 iniciando-se na comunidade Morro do Meio e seguindo na comunidade Torto. Ambas integram a área da Resex com mais três comunidades: Canárias, Passarinho e Caiçara da Praia. Todas elas compõem o campo de pesquisa da tese de doutoramento. Por meio da observação participante, integramo-nos ao mundo sem ambição de transformá-lo em dados, mas como seguidores(as) de formas de vida permitindo que o conhecimento cresça no desenrolar da vida (INGOLD, 2019).

Assim, apostamos na postura antropológica como exercício de escuta e, ao conhecer as crianças das comunidades, descobrimos caminhos poéticos da habitação. Tomando como

ponto de partida “the whole-organism-in-its-environment” (INGOLD, 2000, p. 19) ou o organismo-inteiro-no-seu-ambiente, apresentamos traços, linhas e pegadas traduzidas em desenhos e fotografias feitas pelas e com as crianças a partir dos nossos encontros (SARMENTO; PINTO, 1997; PROFICE; PINHEIRO, 2009; FRIEDMANN, 2020).

O conteúdo aqui apresentado resultou da observação participante e dos seguintes aportes metodológicos como facilitadores da escuta e da participação ativa: desenho livre, conversas sobre o significado do desenho, vivências individuais e em grupo guiadas pelas crianças a partir das quais realizamos os registros fotográficos, diário de campo e diário gráfico. Este último é uma ferramenta de observação e registro na pesquisa antropológica porque pode traduzir elementos desconhecidos pela linguagem escrita (AZEVEDO, 2016). As fotografias foram feitas por aparelho celular tipo *smartphone* e foram selecionadas juntamente com as crianças. Curiosamente, elas priorizaram serem fotografadas a fotografarem. Sendo assim, são apresentados registros feitos pela pesquisadora.

A perspectiva do habitar com as crianças ganhou enfoque analítico relacional e, assim, buscamos exprimir o saber que aprendemos com elas. Nesse sentido, a fim de garantir a presença das crianças neste registro escrito e compartilhar os saberes de pesquisa, também nos inspiramos na epistemologia de Boaventura Sousa Santos (2002) e na construção dos mapas temáticos de tradução (TOSCANO, 2006). Propusemos minicontos poéticos como mapas temáticos de tradução da linguagem das crianças e para as crianças.

Os minicontos registram acontecimentos, vozes e aprendizados resultantes dos encontros. São traduções que versam sobre o caminhar no campo de pesquisa: a imersão na vida. A teoria de Santos (2002) se fortalece no reconhecimento e proteção dos conhecimentos dos povos e sua diversidade e no enfrentamento da dualidade entre conhecimento científico e conhecimento tradicional. A tradução é, ao mesmo tempo, “um trabalho intelectual e um trabalho político” (SANTOS, 2002, p. 267).

São entusiastas deste texto, 4 (quatro) crianças da comunidade Morro do Meio e 9 (nove) crianças da comunidade Torto com perfil etário entre 8 (oito) e 12 (doze) anos. A inclusão e participação na pesquisa consideraram o desejo da criança e a autorização da família. A identificação das crianças no texto foi feita por autodenominação a partir de elementos que elas escolheram para representá-las. Em todos os casos, obtivemos

autorização de imagem e a sua publicação traduz a estética da vida das crianças ribeirinhas, mas também é um compromisso ético e político de assegurar a existência e as vozes das crianças como sujeitos ativos do conhecimento.

Percursos de vida

Uma criança-pesquisadora indaga: *“Você já escreveu o seu nome no ar?”*. Essa pergunta nos foi lançada logo no início de nosso trabalho de campo no Morro do Meio e ainda nos mobiliza. *“Após dias de reflexão, entendi que a criança e o vento são um só corpo”* (NOTAS DE CAMPO, 2021). Aquela criança me convocou para esse contato e me demonstrou que a pesquisa seria uma partilha de percursos de vida. A escuta é algo que se faz de corpo inteiro, por isso a criança muda a função do verbo, como bem observa Manoel de Barros. O que aprendemos naquele dia norteou os encontros que se seguiram com aquela criança e com as demais em toda a nossa caminhada de pesquisa.

A comunidade Morro do Meio é bastante admirada por sua grande área de preservação e conservação ambiental. *“Sua extensão territorial é toda marcada por dunas, manguezais, carnaubais, restingas, juncos, muricizais, guajirus, cajueiros, igarapés, mar e rio, além da forte presença de aves e fauna silvestres”*. Segundo os moradores, as dunas localizadas no meio da comunidade possivelmente originaram o nome do lugar. *“Ainda, destacamos os guarás que fazem um espetáculo todas as tardes aninhando-se para dormir no manguezal daquela Ilha”* (NOTAS DE CAMPO, 2021).

Também enfatizamos a imersão corporal de comunitárias(os) que vivenciam as dunas para confraternizar, brincar, caminhar e trabalhar. Sendo uma comunidade ribeirinha, o cotidiano da infância no Morro do Meio possui elementos da infância indígena descrita por Profice (2016): liberdade na vivência do tempo e do espaço; atividades regidas por fatores ecológicos (horário da maré, sazonalidade) e participação das crianças no aprendizado das tarefas do seu grupo: pescaria, coleta de frutos, criação de animais.

É dessa maneira que os conhecimentos sobre o lugar e o modo de vida são repassados às crianças, especificamente: Capivara (10 anos), Quati (8 anos), Tetéu (10 anos) e Água (10 anos). A autodenominação Capivara reflete um *“animal raro, grande e peludo, que nada no rio, come capim, bebe água e”*, com esperteza, *“se esconde na moita”*. Quati *“é*

um animal feroz, é bonito, sobe nas árvores, corre bem, os olhos são brilhantes como os meus”. Juntos, são capazes de dizer se as marcas pelo caminho são de uma “raposa”, um “peba”, uma “capivara” ou uma “pessoa conhecida”.

Além dos irmãos Capivara e Quati, encontramos-nos com Tetéu (10 anos), assim chamado porque é o “nome do meu passarinho barulhento, que eu encontrei novinho machucado e agora vive livre lá em casa; é muito importante pra mim, é o meu melhor irmão” e com a garota Água (10 anos) que adora “banhar no Rio, os peixes e a chuva”. Essa manifestação de nomes repletos de significados são expressões de acontecimentos vitais que integram os percursos de vida dessas crianças.

As crianças dessa comunidade têm um forte vínculo com o lugar em que habitam e se reconhecem pertencentes ao “mundo natural” (TIRIBA; PROFICE, 2018) como um ser que aprende e compartilha a vida com os outros seres vivos. Sem dúvida, a configuração da comunidade com predominância de áreas verdes e o contato livre das crianças com a natureza enriquece os seus modos de habitar, como também afirmam Grenno e Profice (2019) e são traduzidas na Figura 1 com os registros fotográficos e miniconto.

Figura 1: Vida de Criança



Fonte: Pesquisa de Campo; Notas de Campo (2021).

Na perspectiva de compreender melhor essa relação das crianças com o lugar onde moram, recorremos ao desenho infantil que é uma técnica eficaz de pesquisa, auxiliando, principalmente, na manifestação e no registro das “vozes” das crianças (SOUSA; PIRES, 2021). Foi realizada a conversa/entrevista para permitir à criança esclarecer os sentidos e significados do desenho e até mesmo ampliar a “descrição de sua prática observacional” (INGOLD, 2015, p. 320). Apresentamos os registros do encontro em que as crianças foram convidadas a desenhar livremente, sem nenhum direcionamento (Figura 2).

Figura 2: Desenho livre



Fonte: Oficina Desenho Livre (2021).

Compreendendo os desenhos a partir dos significados dados pelas crianças, identificamos que elas se incluem afetivamente no que registraram: “É o rio, o céu também e o sol [...] Gosto do rio porque tem peixes, arraia e também porque é bom pra banhar nele” (Água, 10 anos). “O sol, a luz do dia, a comunidade, eu, os mangues, os caranguejos” (Capivara, 10 anos). “Árvore, pé de maçã (porque eu gosto de comer), fiz um pé de coqueiro, fiz a casa que eu moro, o sol feliz, as nuvens” (Quati, 8 anos). “A paisagem, natureza, água, céu, o morro (...). Estou no desenho, banhando no Rio” (Tetéu, 10 anos).

O desenho livre indicou uma autopercepção das crianças como ser vivo no seu ambiente: banhar-se no rio, a comunidade e eu, a fruta que gosto de comer e a casa em que moro. Além disso, é brincando nesse ambiente onde predominam as substâncias de rio, mangue, dunas, sol, céu e vento que a criança da comunidade Morro do Meio habita e aprende a se relacionar com os outros seres vivos. Também é assim que se desenvolve a base perceptiva das crianças a respeito da sua comunidade:

A comunidade Morro do Meio é bonita. Tem sol, tem passarinhos, tem mangues, tem caranguejos, tem árvores, tem casas (**Capivara, 10 anos**); Gosto do rio e dos peixes e de correr nas dunas (**Água, 10 anos**). Gosto de ver as paisagens, gosto de ver as nuvens, as plantas, gosto de ver os pássaros, gosto muito de ver os pássaros nos ninhos e gosto de ver passarinho novo (**Quati, 8 anos**). Tem pássaros, plantas, peixes, a cor do sol; estrelas e ar frio; a escuridão e luz (**Tetéu, 10 anos**).

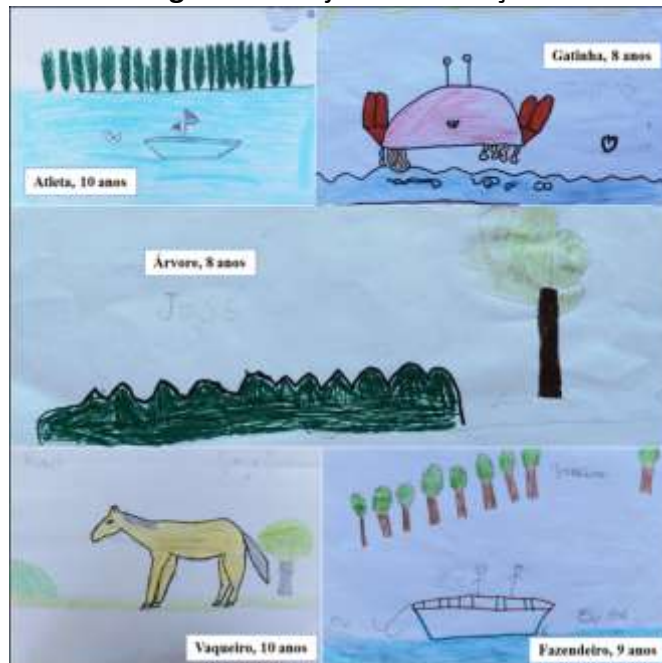
Ao conversarmos com as crianças surgiram histórias vividas com seus familiares durante a pesca, o cuidado com os animais, as brincadeiras e o cotidiano da infância. Nesses diálogos também identificamos a potência do vínculo da criança com a sua comunidade e percebemos que ele se constrói intrínseco ao território das crianças. Por este território, entendemos as “crianças da natureza” explanadas por Tiriba e Profice (2019). As autoras resgatam o conceito de biofilia desenvolvido por Wilson (1984) e explicam que a condição biofílica é própria do ser humano, especialmente das crianças.

“Portanto, partimos da ideia de que as vivências das crianças na natureza fortalecem seu vínculo com o mundo natural bem como fomentam o conhecimento local acerca dos ambientes, dos seres e dos processos naturais” (TIRIBA; PROFICE, 2019, p. 9). Quando falamos das crianças da natureza, também estamos falando do senso de pertencimento aos modos de vida comunitários. As comunidades Morro do Meio e Torto e toda a sua organização é que compõem a plenitude biofílica citada pelas autoras.

Nesse percurso de vida, a terra conduz o tempo (TUAN, 1980) - no caso, é o Rio que conduz o tempo. Eis a razão da origem do nome da comunidade Torto. Diferentemente do Morro do Meio, que tem a sua nomenclatura associada às dunas, o nome Torto “*vem do desvio do Rio*” identificado por seus moradores e visitantes ao realizarem seu trajeto nas águas. “*O Torto sempre foi um local que teve mais caranguejo do que nas outras comunidades. Mais mangue*”, afirmam seus moradores (NOTAS DE CAMPO, 2022).

Ainda, a disposição do manguezal na área influencia a existência das várias espécies de seres vivos porque “fica numa área entre o doce e o salgado, o que favorece o crescimento do mangue, do peixe e do caranguejo” (NOTAS DE CAMPO, 2022). As crianças do Torto manifestaram sua relação com a comunidade durante a oficina de desenho livre (Figura 3) quando as próprias crianças sugeriram que cada uma falasse “do jeito da criança” viver ali. Estiveram presentes 2 (duas) meninas e 3 (três) meninos.

Figura 3: “Do jeito da criança”



Fonte: Oficina Desenho Livre (2022).

Se observássemos apenas a composição gráfica dos desenhos, identificaríamos uma representação básica de elementos “naturais” presentes no lugar onde vivem essas crianças, semelhante ao apresentado pelas crianças do Morro do Meio. Contudo, ao conversarmos sobre os significados do desenho, compreendemos a intimidade da habitação no registro feito por elas. Em cada desenho existem traços de si mesmas, de suas histórias e de seu vínculo com o lugar. Por isso, o olhar fenomenológico para o desenho não é categorizador. Não há etapas, nem falhas, nem segmentos. Enxergamos linhas em movimento que ligam nossas mentes ao mundo vivido (INGOLD, 2015).

O meu desenho é sobre o mangue. (...) Metade do pessoal do Torto aqui já morou no mangue e vieram morar aqui. Eu gosto, porque quando a gente tá precisando de comida, a gente vai só no mangue, só pega a canoa, vai no mangue pra tirar a ostra, o caranguejo ou siri. Mas eu gosto de lá porque também tem várias árvores, é grande, é bonito, até de longe dá de ver o mangue. Então... **(Atleta, 10 anos)**.

Um siri comendo lodo. Eu acho ele bonito. Eu só num gosto quando ele me dá uma beliscada. Tem o jeito de pegar ele. É só pegar nas pata. Só que tem que ter cuidado por causa da mordida dele. Tem que pegar por trás. (...) Um dia eu vou lá no coisa, vou pegar um pra você ver. [Você sempre faz isso?]. Humrum. Eu vou com a minha mãe. Mas só que teve uma vez que um atracou no meu dedo. [Feriu, doeu?] Doeu só um pouquinho e botei ele no chão **(Gatinha, 8 anos)**.

Aqui eu fiz um pé de maçã. Aqui é o rio. [Por que escolheu o pé de maçã?] Porque eu gosto da maçã. Aí a gente planta a semente **(Árvore, 8 anos)**.

Meu desenho aqui é referindo meu poldro e todos os animais daqui. Eu desenhei meu poldro tipo uma paisagem, umas árvores, deparando aqui tipo o campo lá do mato assim, as árvores aqui. Detalhando todos aqui, animais, como criam (...) representando os animais, a natureza **(Vaqueiro, 10 anos)**.

Eu fiz o meu pai mais eu no rio pescano. Eu fiz o mangue e os peixes. E a gente tá na canoa dele pescano. [O que você sente?] Eu gosto muito. Gosto de pescar mais porque eu tou com ele **(Fazendeiro, 9 anos)**.

Encontramos nessas falas algumas nuances que compõem o processo de habitação das crianças. Seus modos de habitar são enraizados nas composições de seu ambiente: o manguezal, o rio e os emaranhados de seres vivos e práticas sociais que emergem desse ecossistema. Por isso, o cotidiano da infância também reflete o modo de subsistência de seus familiares (pescar, catar caranguejos e ostras, criar animais, plantar e colher). É importante ressaltar que essas práticas de subsistência são marcantes em comunidades ribeirinhas e fazem parte da construção do vínculo das populações humanas com o lugar.

A ida ao mangue é um encontro com as árvores, populações e suas histórias não contadas (Atleta, 10 anos). A “conversa” com o siri nos ensina sobre as formas de vida, de viver e de cuidado (Gatinha, 8 anos). Subir na árvore é ampliar as possibilidades de ser livre para SER (Árvore, 8 anos). Brincar no rio é brincar com a água e o rio é tudo o que ali vive, inclusive, as histórias que ali vivemos (Fazendeiro, 9 anos). É nesse sentido que as autodenominações dessas crianças explicitam os seus próprios modos de habitar.

O território das crianças é rico em linguagem, saberes e histórias próprias que podem ser lidas nas pegadas do brincar. As crianças existem e afirmam seu lugar no território por meio da atividade constante. Por isso, também podemos falar das crianças como territórios que se desenvolvem em tempos e espaços construídos pelos próprios indivíduos (FRIEDMANN, 2020). Essa perspectiva traceja questões éticas sobre o lugar das crianças no

seu contexto, os seus direitos e suas vozes, bem como os desafios da escuta, do registro e da observação de/com crianças (FRIEDMANN, 2011; 2020).

Trazer essa observação à tona é um convite para repensarmos as estratégias de pesquisa e educação que colocam as crianças apenas como destinatárias das decisões, conhecimentos e políticas orientados pelos adultos. As crianças são atores sociais capazes de interpretar e mediar suas formas de viver (SARMENTO; PINTO, 1997). Elas aprendem com os adultos, mas também com outras crianças e com outros seres vivos em um processo de habilitação (*enskilment*), no envolvimento prático com o mundo – habitação (INGOLD, 2000).

Nas sutilezas de aprender com a vida, as crianças estão sempre desenvolvendo importantes habilidades perceptuais através do brincar que se compõe em engajamento com o ambiente: brincar de pescar, correr na areia, subir nas árvores, catar frutos, banhar no rio a depender da maré ou nas lagoas a depender das chuvas, soltar pipa no mês de setembro a depender das correntes de ar, contar histórias enriquecidas com os mistérios da natureza. Essa dinâmica comprova o conjunto de relações ecológicas no que se denomina como prática social (INGOLD, 2000). Então, tudo nessas comunidades registra as pegadas do brincar das crianças e, portanto, o corpo ganha centralidade nos modos de habitar.

Corpo-criança: “é assim que a gente vive”

Arriscamos dizer que a chegada na Resex já nos reivindica a criança interior que deseja experimentar o mundo com o corpo inteiro: o imaginário, os sentidos, a alegria de um corpo que deseja conhecer, descobrir e viver. Essa observação nos remete aos conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty, mas também nos evoca a manifestação espinosana do corpo em confluência ativa com o Universo. Nesse sentido, o corpo se torna questão para nossa análise perceptiva e lembramos de duas linhas filosóficas que nos auxiliam nesta caminhada: o “corpo próprio”, da experiência fenomenológica e devir-corpo.

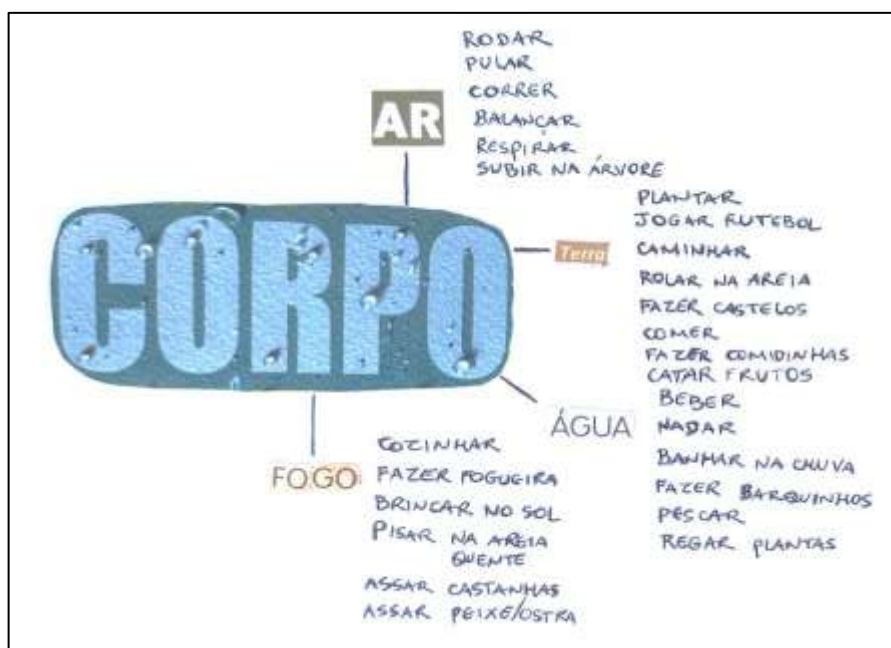
Na primeira, o corpo é entendido como veículo de comunicação do ser com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Na segunda, o corpo sem órgãos se compõe continuamente em acoplamento com o que vive (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Recorremos, ainda, à ideia de corpo em Espinosa (1983): é constituído por forças internas e externas que, ao mesmo tempo em que exprime a essência de Deus, é instrumento de comunicação com Ele. Na

visão do autor, Deus é a totalidade e substância única que existe e da qual passam a existir todas as outras coisas. Logo, o corpo é expressão da substância única, infinita e múltipla.

Para Deleuze e Guattari (1997), o corpo é o próprio devir; é a manifestação da potência de ser, a fuga a quaisquer predeterminações e limitações de existência. É um campo aberto de intensidades possíveis, tal como a criança que imagina e brinca, sendo a brincadeira sempre uma terra desconhecida. Então, esse devir-corpo também é um devir-criança, já que se trata de habitar o campo da potência criativa e criadora. Na criança, essa potência se realiza no exercício de sua curiosidade e através da brincadeira. Por meio do brincar e da brincadeira, a criança afirma sua potência de “estar viva” (INGOLD, 2015).

Em uma abordagem sobre o brincar e a natureza, Piorski (2016) explora a imaginação presente nessa relação. Para o autor, ao brincar com os quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar), a criança encontra diversos caminhos para a imaginação e descobre seu desejo de explorar, investigar e observar detalhadamente tudo o que existe. O brincar é um engajamento que flui na própria interação com o ambiente, que afirma e potencializa os modos de habitar. Essa integração vital está representada na Figura 4 em referência aos modos de interação das crianças das duas comunidades com o seu ambiente:

Figura 4: Corpo-Mundo



Fonte: Diário Gráfico (2022).

Os quatro elementos da natureza, segundo Piorski (2016, p. 19), “são um código de expressão da vida imaginária”. A imaginação pelo ar consiste na sublimação, expansão e nos voos do brincar. Imaginar pela terra é enraizar-se no mundo, nas estruturas da vida social e da natureza. Pela água compõe-se a corporeidade fluida, emocional. A imaginação pelo fogo ativa imagens e narrativas profundas e apaixonadas pela vida. Assim, os elementos da natureza e a imaginação podem ser entendidos como forças do desenvolvimento de cada ser. Logo, temos um corpo com uma potência afetiva incomparável que se esforça sempre para aumentar sua potência de agir (ESPINOSA, 1983), como ilustramos na sequência abaixo:

Figura 5: Corpo-AR



Fonte: Pesquisa de Campo (2021; 2022); Notas de Campo (2022).

Figura 6: Corpo-TERRA



A criança-terra
Faz o seu castelo.
Como boa construtora,
Sonha cada detalhe
De uma vida feliz.

Neste castelo
Cabe o mundo, ela diz.
E continua:
Vamos entrar!
Vamos entrar!

Conto Poético, Castelo de
Areia, AUTORA, 2022.

Fonte: Pesquisa de Campo (2021; 2022); Notas de Campo (2022).

Figura 7: Corpo-ÁGUA



- Água-Menina, "Quem foi que te criou?" - Eu nasci do seio da terra e aqui estou.

- Mas como pode da terra enxuta sair tanta água bruta?

- Esse mistério não sei responder. Só sei que a vida assim se faz e pode ser muito mais.

- Sim, Água-Menina, olhe para só para você! Com esse olhar de criança transforma tudo em esperança.

- Mas és também capaz de tornar-te água como eu! Deixa teu corpo fluir, neste verso meu... Banha-te até a alma e sente também a calma desse corpo teu.

Conto poético, Água-Menina,
AUTORA, 2022.

Fonte: Pesquisa de Campo (2021; 2022); Notas de Campo (2022).

Figura 8: Corpo-FOGO



- Quero contar um conto.
Ela então abriu a boca e disse:
- "FOGO"!

Aquilo foi tão mágico
Que pintou meu corpo
Com as cores do mundo.

Conto Poético, De onde vem o fogo,
AUTORA, 2022.

Fonte: Pesquisa de Campo (2021; 2022); Notas de Campo (2022).

A sequência de figuras e minicontos poéticos nos fala sobre as infinitas possibilidades de ser. Os corpos-ar, corpos-terra, corpos-água e corpos-fogo animam-se continuamente em devir-criança. Nessa relação aberta com todos os elementos da natureza, com os seres vivos, coisas e demais substâncias (INGOLD, 2015), as crianças das comunidades Morro do Meio e Torto experienciam a vida de maneira a tornar presença os seus corpos. Por meio do brincar, a potência da vida se expande, mas não importam conjeturas sobre o futuro. *“A vida acontece ali. Passa pelo corpo, atravessa-o”* (NOTAS DE CAMPO, 2022).

Podemos dizer também que é no brincar que as crianças exercem sua leitura de mundo e se conciliam com ele. Isto quer dizer que, embora o brincar seja universal, as brincadeiras são marcadas pela especificidade do contexto (PIORSKI, 2016), em uma configuração espaço-temporal de humanos e outros seres vivos no processo de habitar. Por exemplo, em cada comunidade há brincadeiras que se destacam no cotidiano como práticas específicas, as quais demonstram seus modos de transitar e habitar o ambiente.

Com isso, mesmo quando as brincadeiras são comuns em diferentes contextos, o ato de brincar é uma *“intimidade de inúmeros modos de ser”* (PIORSKI, 2016, p. 74) e habitar. Assim, *“temos as seguintes brincadeiras que se destacam nas comunidades: a) Morro do Meio – correr e deitar nos juncunzais, correr, rolar, jogar, desenhar e escorregar nas dunas,*

investigar rastros pelos caminhos, catar mariscos e ostras, banhar na praia, coelhinho sai da toca; b) Torto – brincar na calçada da igreja, fazer barquinhos, atirar de baladeira, brincar com marimbondos, tirar capim, pião” (NOTAS DE CAMPO, 2021; 2022).

Identificamos também aquelas brincadeiras que se repetem na vida das crianças de ambas as comunidades: subir em árvores; observar ninhos e pássaros; banhar nas lagoas e rios; jogar futebol; pescar; catar siri; correr; cuidar de animais; construir brinquedos; fazer castelos de areia; brincadeiras populares (roda, esconde-esconde, pega-pega, jogar peteca, roubo da bandeira, amarelinha, passa anel, pula sela, morto-vivo, pular corda, congela, cola, mancha, cuscuz); catar frutos; ouvir sons e identificá-los (NOTAS DE CAMPO, 2021; 2022).

Os registros confirmam a relação intrínseca entre brincar e os elementos da natureza. Entretanto, concordamos com Tillmann et al. (2018) que essa natureza não é apenas um espaço com elementos naturais, mas toda uma comunidade que promove possibilidades de vida às crianças. Em outras palavras, as crianças se desenvolvem nessa interação com o ambiente, através da qual o imaginário e a realidade se equilibram e se revelam no brincar. As crianças aprendem com seus familiares ou outros adultos, mas possuem seus próprios jeitos de recriar aquilo que escutam e vivenciam. Seus modos de habitar acontecem na intensidade de seus corpos e se configuram na intimidade com o ambiente.

Considerações finais

Diante do exposto e do vivido em campo, chegamos à compreensão de que o cotidiano e os modos de habitar das crianças das comunidades Morro do Meio e Torto da Resex Marinha do Delta do Parnaíba se realizam principalmente através do brincar livre. A interação com o ambiente promove uma liberdade imaginativa que se expressa no brincar permeado pelo encontro entre o “eu” e o “outro”, na liberdade e inteireza do corpo. Nessas comunidades também predominam as atividades e brincadeiras ao ar livre, desenvolvidas na experimentação das formas de conhecer e se relacionar com o mundo.

A infância nesses territórios é de intimidade com a natureza, sendo que a vida e a habitação acontecem no ato de brincar próprio das crianças em sólida relação entre o brincar e os elementos da natureza: Corpo-Mundo, Corpo-AR, Corpo-TERRA, Corpo-ÁGUA,

Corpo-FOGO. É aí que reafirmamos o princípio fundamental desta pesquisa com crianças: compreender a criança como organismo-inteiro-no-seu-ambiente (INGOLD, 2000).

Por isso, destacamos o potencial do trabalho de campo ao exercitarmos uma pesquisa com crianças-parceiras. Buscamos escutar e ser guiadas(os) pelas crianças em contramão ao nosso olhar acostumado com o mundo, sem as possibilidades do Ser, como destacou Manoel de Barros sobre a anestesia em que vivemos. O poeta nos faz pensar no amortecimento que causamos às crianças e a nós mesmas(os) e nos oferece certa cosmologia para aprendermos a escutá-las quando também nos escutamos. Para o poeta, a infância é uma condição de ser no mundo e, deste modo, de ver e escutar o mundo.

Defendemos uma ciência comprometida com a presença da criança-parceira no trabalho científico, de modo que a voz e a ação da criança se afirmem em todo o processo (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005). A participação ativa, a voz e a face das crianças neste trabalho criam espaço para diálogo quanto à ética na pesquisa com pessoas invisibilizadas, tais como as crianças, povos e comunidades tradicionais. Nossa reflexão a partir da questão do anonimato e o texto antropológico (FONSECA, 2008) nos direcionou para uma ruptura da invisibilidade das comunidades, infâncias e crianças que nos receberam e contribuíram para a construção deste conhecimento.

Destacamos que as comunidades Morro do Meio e Torto também têm rosto e voz de criança e assumimos o compromisso de torná-los presentes, atendendo o desejo das crianças e de suas famílias de serem reconhecidas na história que se inscreve, pois “a infância não se repete”. Esta poética da habitação é a resposta para a nossa primeira questão ética: “por que e como fazer pesquisa com crianças de comunidades tradicionais?” Sentimos ter sanado esta questão no decorrer de nossa experiência, mas agora nos surge outra: fomos justas(os) ao traduzi-la? Lançamo-nos para argumentações.

A respeito da segunda questão norteadora deste artigo, entendemos que as pesquisas com crianças nos fazem repensar a pesquisa e a educação ambiental à medida que nos põe à prova de nosso olhar adultocêntrico. É preciso estar à disposição dos diversos mundos que se apresentam a nós, em atitude de “ignorância”, parafraseando Manoel de Barros, para uma renovação de nosso entendimento sobre a vida e a infância. A criança é plena em si mesma com o ambiente e isso é o bastante para uma nova educação ambiental.

Referências

AZEVEDO, Aina Guimarães. Diário de Campo e Diário Gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, 2016.

BARROS, Manoel de. **Livro das Ignoranças**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CARDOSO, Thiago Mota et al. Apresentação do Dossiê: Antropologia das Áreas Protegidas e da Sustentabilidade. **Anuário Antropológico**, v. 45, n.1, p. 11-24, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 4. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 1997.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6513254/mod_resource/content/1/Mil%20platôs%20capitalismo%20e%20esquizofrenia%20Vol%204%20by%20Gilles%20Deleuze%20%28z-lib.org%29.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2, p. 39-53, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. História do percurso da sociologia e da antropologia na área da infância. **Veras - Revista Acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz**, v. 1, n. 2, p. 214-235, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1 ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

GRENNO, Fernando; PROFICE, Christiana Cabicieri. Experiências diretas entre crianças e natureza - educar para a sustentabilidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 36, n. 1, p. 324-338, 2019.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve**. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

- LEFF, Enrique. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In: PHILIPPI JR., Arlindo. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000. (p. 19-51).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos de chão: A natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2016.
- PROFICE, Christiana Cabicieri. **Crianças e Natureza: reconectar é preciso**. Ilustrações de Carmen Munhoz. 1 ed. São Paulo: Pandorga, 2016.
- PROFICE, Christiana Cabicieri; PINHEIRO, José de Queiroz. Explorar com crianças: Reflexões teóricas e metodológicas para os pesquisadores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** (UFRJ. 2003), v. 61, p. 11-22, 2009.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, 2002.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (coords.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997. Disponível em: <https://pactuando.files.wordpress.com/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances: estudos sobre educação**, v. 12, n. 13, p. 49-64, 2005.
- SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, n. 60, p. 61-93, 2021.
- TILLMANN, Suzanne et al. Mental health benefits of interactions with nature in children and teenagers: a systematic review. **Epidemiol Community Health**, v. 72, p. 958–966, 2018.
- TIRIBA, Lea; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças Tupinambá: rios, colinas, bancos de areia e matas como lugares do brincar cotidiano. **Revista Teias**, v. 19, n. 52, p. 28-47, 2018.
- TIRIBA, Lea; PROFICE, Christiana Cabicieri. Children in Nature: lived experiences, knowledge and belonging. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 1-22, 2019.
- TOSCANO, Geovânia da Silva. **Extensão Universitária e formação Cidadã: a UFRN e a UFBA em ação**. 288f. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação

em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/SP: Difel, 1980.

Submetido em: 16-05-2023

Publicado em: 15-04-2024